



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

13535 - Resumo Expandido - Trabalho - 41ª Reunião Nacional da ANPEd (2023)

ISSN: 2447-2808

GT07 - Educação de Crianças de 0 a 6 anos

A BRINCAÇÃO NA ESCOLA APÓS A COVID 19: CARTOGRAFANDO PAISAGENS LÚDICAS INFANTIS

Marilete Calegari Cardoso - UESB - UNIVERSIDADE ESTADUAL SUDOESTE BAHIA

Daniela Martins Santos - SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DO ESTADO DA BAHIA

Daniele Farias Freire Raic - UESB - UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA

A BRINCAÇÃO NA ESCOLA APÓS A COVID 19: CARTOGRAFANDO PAISAGENS LÚDICAS INFANTIS

Resumo

Este estudo objetiva cartografar diferentes modos como vem acontecendo o brincar das crianças em uma escola de educação infantil, após a covid-19, na cidade de Jaguaquara-Bahia, e seus indícios nos processos de subjetivação do criança. Investe no verbo criança como condição da infância com todas as suas astúcias, curiosidades, liberdades e potências de criação. Essa investigação, apoiando-se na filosofia da diferença, mapeia o brincar das crianças a partir de suas experimentações lúdicas, considerando o desejo maquínico, produtivo e construtivo, através do qual traçam linhas de movimentos capazes de desterritorializações e reterritorializações nos seus processos de subjetivação. Em seu curso, essa pesquisa cartográfica busca traçar o plano comum, assumindo a transversalidade que lhe é necessária, utilizando-se como dispositivos de produção de informações os diários de campo, as fotografias e a gravação de vídeo do movimento de brincadeira. Este estudo permite dizer que o brincar, ainda que presente de maneira muito discreta cotidianamente, favorece que as crianças produzam singularidades nos seus processos de subjetivação, pois, ao assim fazerem, traçam suas linhas inventivas, de forma não linear ou sequenciada, capazes de recriarem seus espaços após a covid-19, transformando esses espaços em paisagens abertas ao criança, como modo de afirmar seus desejos e singularizações.

Palavras-chave: Brincadeira. Criança. Educação Infantil. Paisagens Lúdicas. Singularização

Introdução

O brincar na infância é carregado de sentidos e significados e possui um papel fundamental no processo de singularização da criança, fazendo parte da sua vida cultural.

Assim, investimos na ideia das paisagens lúdicas infantis a fim de perspectivarmos a criança-cartógrafa em seus movimentos e multiplicidades, capaz de produzir intensos movimentos de brincança.

É do lugar de nossas compreensões e problematizações que desejamos com esse texto defender a ideia de criança com o verbo *criançar*, como uma condição da infância com todas as suas astúcias, curiosidades, liberdades, arrojos e potências de criação. Pensarmos o *criançar* como a ideia de hecceidade, também entendida como “individuações sem sujeito” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 8). Não vemos as crianças como sujeitos de atributos do tipo ‘é’, mas como potências, “no seu tempo *aión*, ou seja, um tempo que é a própria infância (KOHAN, 2004; ABRAMOWICZ; TEBET, 2019). Da mesma forma, trazemos o termo *brincança*, aqui entendido como uma “fonte para pensar a infância e seus brincares” (VAGO, 2010, P.171), isto é, compreendendo o movimento do brincar como algo natural das crianças, como uma experimentação plena, fonte de potência à intuição. Ao *criançar*, em movimentos de brincança, essas crianças produzem paisagens, aqui assumidas como “telas mutáveis”, cuja materialidade vai sofrendo alterações em suas formas, a partir das relações que os sujeitos estabelecem em suas experiências. Essas paisagens infantis são construídas por composições muito diversas e singulares.

Os desafios em que nos colocamos quando buscamos um olhar mais atento para a problemática “de que e como brincam as crianças?” foram avolumados a partir do ano de 2020, quando fomos surpreendidos pela pandemia causada pelo novo coronavírus, denominado SARS-CoV-2, que impôs novas estratégias de enfrentamento da doença, com uma espécie de confinamento das crianças em casa. Essa situação somente veio a ser alterada a partir do dia 18 de outubro de 2021, quando a Bahia autorizou o retorno das aulas presenciais, após a indicação da Organização Mundial Da Saúde (OMS). Por isso esse texto lida com a ideia de “após” a Covid-19, como uma tentativa de marcar uma periodicidade, não na tentativa de afirmar um fim de um período pandêmico.

Nos últimos tempos temos observado que as crianças estão cada vez mais afastadas da natureza e de espaços livres para brincar e isso não é herança do distanciamento requerido pela vigilância sanitária em tempo de pandemia. Esse fenômeno tem sido amplamente problematizado, cuja crise vem sendo anunciada por pesquisadores da infância (ABRAMOWICZ; TEBET, 2019), alertando-nos para as práticas disciplinares e controladoras, dando origem ao problema da desapareção das infâncias pela perda da experimentação.

Tal contexto tanto nos inquieta como nos convida a fabular possibilidades de novas fissuras, defendendo o corpo e o movimento das crianças no fluxo do brincar, após o retorno das crianças para a escola. Assim, esse estudo tem como objetivo cartografar diferentes modos como vem acontecendo o brincar das crianças em uma escola de educação infantil, após a covid-19, na cidade de Jaguaquara-Bahia, e seus indícios nos processos de subjetivação do *criançar*.

Caminho metodológico e contextualização da pesquisa

Para uma cartografia da infância é “preciso mapear as linhas de visibilidade, de anúncio, linhas de força, de movimento, de subjetivação e de rupturas que compõem esse dispositivo” (TEBET, 2019, p.133). Neste sentido, as brincadeiras das crianças são um conjunto multilinear de dispositivos concretos, pois, conforme Deleuze (1990, p. 8), “as diferentes linhas de um dispositivo repartem-se em dois grupos: linhas de estratificação ou de sedimentação, linhas de atualização ou de criatividade”. Salientamos ainda que as cartografias são mutáveis, são traçadas de acordo com o desejo, produzindo modos de integração social (GUATTARI; ROLNIK, 1999, p. 7).

Cartografar as brincadeiras das crianças é traçar um mapa “conectável, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente” (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p. 21) considerando a cultura infantil. Para o mapeamento das brincadeiras tivemos como referência o diário de campo, fotografias e filmagens feitas na instituição selecionada, tendo a criança como principal protagonista da pesquisa.

Esta pesquisa foi realizada na Escola Feliz (nome fictício), situada na cidade de Jaguaquara, localizada no Vale do Jiquiriçá, no Sudoeste do estado da Bahia. A turma escolhida foi da Educação Infantil, com faixa etária entre cinco e seis anos, num total de 25 crianças. Após a concordância das crianças e de seus responsáveis, realizamos as observações durante duas semanas, quando registramos em diário de campo e em câmeras de vídeo (câmera móvel no formato varredura) e fotográfica os episódios relativos ao momento da rotina da sala de aula e as “atividades livres” durante o recreio, quando pudemos retratar as experiências do brincar.

Análise E Discussão De Resultados

A brincadeira se faz presente em todas as fases da infância e vai além do brincar. Trata-se de uma situação em que a imaginação se faz presença *continuum*, em que todas as coisas são brincadeiras e tudo pode tornar-se brinquedo. Em nossas observações notamos que embora fosse visível um ambiente estimulador para as crianças brincarem e criarem suas brincadeiras, muitas vezes a rotina rígida parecia retirar a ideia do brincar como uma atividade da criança. Sentimos que não bastam os espaços de brincar, é preciso a atitude de brincadeira. Em rotinas rígidas a imaginação parece ser sequestrada e colocada em “modos e tempos de fazer”, mas a inventividade não é da natureza do tempo *cronos*, mas *aion*. Talvez esteja aí um grande problema a ser pensado: o tempo do brincar!

Outro fator que pode afetar diretamente o brincar é o espaço físico. É importante considerar que as crianças nem sempre experienciam seus desejos de brincar como aventura, descoberta, risco e emoção por conta de um ambiente não favorável, como estrutura física e materiais. O ambiente pode ser um tipo de elemento limitador de aprendizagens, isto é, ele influencia as condutas das crianças em suas ações, sendo através dele que as estruturas espaciais e das linguagens são produzidas. Vimos em nossas imersões que ainda que

possamos dizer que a imaginação das crianças consegue sair das paredes da sala de aula é preciso garantir os espaços abertos às conexões com o fora. Sentimos muito que as estruturas prediais de nossas escolas pensem tão pouco nisso.

Notamos que as crianças se apropriam de qualquer fração de segundo para a brincadeira, favorecendo a capacidade de criar situações outras, a exemplo da criação de cabo de guerra com cadarço, papelão como se fosse celular, momentos antes da professora realizar a atividade direcionada. Tudo passa pela imaginação e escapa ao controle intencional do olhar adulto. É preciso devir-criança! Tal situação foi observada durante nossa imersão e *“era notável a felicidade das crianças, usando os palitinhos, cadarços e papelão conforme ditava sua imaginação [...]”* (Diário de Campo 19 de maio de 2022)

Observar as crianças crieando, fazendo uso da imaginação ao brincar e criando fissuras em seus processos de subjetivação na busca maquínica de suas singularizações é, para esse estudo, um encontro intenso com o que temos defendido como criança! Essa é a ideia cara para nós. As crianças, em suas brincadeiras, fazem fissuras nos modelos, criam novos sentidos e produzem novas paisagens lúdicas.

Durante todo o processo de observação vimos as fugas provocadas pelo brincar nos intervalos das atividades propostas pela professora. Ou seja, *“não importa qual a finalidade da intenção da brincadeira, as crianças brincavam com desejo, antes de realizar uma atividade, ao caminhar para pegar os materiais, ao recebe-los... O chão com a amarelinha tornava-se o caminho predileto das crianças.* (Diário de Campo, 17 de maio de 2022).

Os desejos presentes no brincar nos permitem “fazer a leitura do social desde o desejo, fazer a passagem do desejo ao político, nos quadros dos modos de subjetivação” (GUATTARI; ROLNIK, 1999, p.3). O brincar se transforma em um desejo maquínico, produtivo e construtivo ao mesmo tempo em que a brincadeira pode produzir a brincadeira, gerando territórios *outros* através dos agenciamentos do desejo. Assim, para traçar novos territórios as crianças fazem os movimentos de desterritorialização do instituído, lançam-se em imaginação e se reterritorializam em movimentos intensos, atemporais, produzindo paisagens. Isto é, abrir-se, engajar-se em linhas de fuga e até sair de seu curso e se destruir” (GUATTARI; ROLNIK, 1999, p. 323). Mas, também, “não há território sem um vetor de saída do território, e não há saída do território, ou seja, desterritorialização, sem, ao mesmo tempo, um esforço para se reterritorializar em outra parte” (DELEUZE, 1989, p. 4).

As crianças traçam seus territórios através das passagens de fluxo. Mapear os territórios infantis trata-se de ir além do que está disponível apenas aos olhos, a imaginação, os movimentos presentes na observação são carregados de experimentação, singularidades e significados “[...] se evadir, é traçar uma linha [...]. Fugir é traçar uma linha, linhas, toda uma cartografia” (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 49). Assim, pode nos ajudar a pensar nas linhas que foram se encontrando, formando-se novas e rompendo-se, assim a vida é experimentada, como ruptura, nos movimentos do devir, de deixar fluir o criança pelas paisagens lúdicas do seu cotidiano, pelas suas linhas, seja em sua imaginação ou em suas ações de desconstruir e

construir o outro em si. É diferenciar-se, no sentido deleuziano.

Baseando-se no princípio “de heterogeneidade: qualquer ponto de um rizoma pode ser conectado a qualquer outro e deve sê-lo” (DELEUZE e GUATTARI ,1995, p. 14), abrir-se, engajar-se em linhas de fuga e até sair de seu curso e se destruir” (GUATTARI; ROLNIK, 1999, p. 323).

Considerações Finais

Investimos ao longo desse trabalho na ideia de que as crianças, em movimentos de brincadeira, alteram continuamente seus territórios a fim de construir paisagens lúdicas, especialmente após a covid 19, quando elas experimentaram um grande período de isolamento social e vivenciaram uma espécie de confinamento no ambiente doméstico. Acreditamos que quando a criança explora seus meios, produz seus movimentos de brincadeira e lança-se no mundo da imaginação ela tanto afirma, quanto se aproxima de seu ser e, ao assim proceder, torna-se cartógrafa de si e de suas paisagens, produzindo sentidos e significados para seu estar no mundo, em processos desejantes de singularização.

Esse estudo nos permite dizer que embora os espaços escolares as vezes se mostrem atravessados por rotinas rígidas, as crianças são capazes de desterritorializar os espaços instituídos e reterritorializar espaços *outros*, em que a imaginação e a inventividade são assumidas em continuum na atividade infantil. Dizemos, portanto, que é preciso afirmar o devir-criança na criança, forjar espaços de brincadeiras livres e assumir que a prática pedagógica com as crianças se alinhe com movimentos de brincadeira como movimentos intensos de singularização das crianças em seus processos de subjetivação.

Referências

- ABRAMOWICZ, Anete; TEBET, Gabriela Guarnieri de C.(orgs) *Infância & Pós-estruturalismo*. 2edª São Carlos: Pedro& João Editores, 2019.
- DELEUZE, Gilles. *¿Que és un dispositivo?* In: Michel Foucault, filósofo. Barcelona: Gedisa, 1990.
- DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. (1996). 1874. *Três novelas ou o que se passou? Em G. Deleuze & F. Guattari. Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia* (A. Guerra Neto e cols. Trans.). v.3, Rio de Janeiro: Editora 34 (Trabalho originalmente publicado em 1980).
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs*, Vol. 1. - 2ª ed.- Trad. Ana Lúcia de Oliveira; Aurélio Guerra Neto; Célia Pinto Costa. São Paulo: Ed.34, 1995.
- DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. *Diálogos*. Trad. Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Escuta, 1998.
- GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. *Micropolítica: Cartografias do Desejo*. Petrópolis: Vozes, 1999.
- KOHAN, Walter Omar. *Apontamentos filosóficos para uma (nova) política e uma (também nova) educação da infância*. Rio de Janeiro, 2004. Disponível em: file:///C:/Users/Windows/Downloads/te_walter_kohan%20-20DEVIR%20INFANCIA.pdf
- TEBET, Gabriela Guarnieri de C. Desmaranhar as linhas da infância: elementos para uma

cartografia. In: ABRAMOWICZ, A.; TEBET, G. G. C.(orgs) *Infância & Pós-estruturalismo*. 2ed^a São Carlos: Pedro& João Editores, 2019.

VAGO, Tarcísio Mauro. “*Raízes Crianceiras*”, *histórias de “brincança”*: uma exploração de *brincades em Miguilim*. Rev. Bras. Cienc. Esporte, Campinas, v. 31, n. 2, p. 171-185, janeiro 2010. Disponível em:

. <http://www.revista.cbce.org.br/index.php/RBCE/article/viewFile/565/422>. Acesso em 17 fev.2022

.